

*Moinho do tempo: todas as vidas em Cora Coralina*<sup>1</sup>

## letrônica

Maria Ivone Souza Melo \*

Atualmente assistimos a uma promissora comunhão entre Literatura, História, Filosofia e Artes, tendo como ponto convergente o objetivo de expressarem, nas suas específicas linguagens, os sentidos ocultos e muitas vezes inexplicáveis das coisas e assim desvelar dimensões, aspectos, experiências novas das coisas e acontecimentos, até mesmo dos mais comuns e cotidianos assegurando dessa forma o pensamento moderno que prega que o valor poético, filosófico e estético está no modo criativo de abordá-lo.

A escrita autobiográfica nos últimos tempos, especificamente no século XX, toma impulso e revela uma verdadeira fortuna em testemunhos pessoais de artistas e escritores. Esse gênero de escrita, por muitas vezes, assume outras denominações, como diário, romance pessoal, testemunho, embora todos convergem no mesmo ponto: a escrita na primeira pessoa. O que diferencia essa forma literária de outras, são as marcas do eu e os modos de inscrição de cada sujeito que resultam num acordo entre autor e leitor, ou seja, um pacto preconizado por Philippe Lejeune de pacto autobiográfico.

De acordo com Maria Luiza Remédios, na escrita autobiográfica, o “sujeito-autor em constante diálogo, mergulha na linguagem por meio da qual expressa suas ideias e sentimentos, mas também define sua identidade e o valor artístico do texto criado a partir da relação com o eu-outro que atesta a ficcionalidade das expressões do eu”(REMEDIOS, 2004, p. 280). Nesse modo de escrita, o autor imerso na sua linguagem não apenas expressa seus sentimentos e ideias, mas também, conduzido pela memória

<sup>1</sup> As expressões que compõem esse título foram emprestadas dos títulos dos respectivos poemas de Cora Coralina. Este trabalho foi apresentado no IV CIPA da USP, em julho de 2010.

\* Mestranda do curso de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens da Universidade Estadual da Bahia – UNEB. Orientadora: Profa. Dra. Verbena Maria Rocha Cordeiro.

faz um passeio ao passado, projeta-se no futuro através da sua imaginação e dialoga consigo mesmo e com os outros. Na abertura do livro *Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais*, a escritora Cora Coralina escreve: “Alguém deve reler, escrever e assinar os autos do Passado antes que o Tempo passe tudo a raso”<sup>2</sup>.

Anna Lins dos Guimarães Peixoto Brêtas, Cora Coralina, nasceu no final do século XIX, no ano de 1889, na antiga Villa Boa de Goyáz, hoje cidade de Goiás, no estado que leva o mesmo nome. Desde muito jovem, Aninha/Cora já demonstrava a sua predileção pelas Letras. Porém, o seu primeiro livro, *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, só seria publicado aos 76 anos de idade.

Doutora “*Honoris Causa*”, pela Universidade Federal de Goiás, cursou apenas os primeiros anos da escola primária, porém jamais deixou de buscar e assimilar conhecimentos. Autodidata, aprendeu e apreendeu tudo que vivenciou nas muitas facetas da sua vida e, na prosa ou no verso, divide as emoções da artista e a realidade das coisas, das pessoas e dos fatos, incansavelmente, até o final da sua vida, em 1985.

Desde as suas primeiras publicações, Cora Coralina fala de quem ela era, a menina mal amada, rejeitada, desacreditada. Mas é em 1983 que publica *Vintém de Cobre; meias confissões de Aninha*, o seu terceiro livro, na estampa de uma autobiografia em versos. Nessa obra, a autora, no que se refere ao binômio ficção e realidade, dá veracidade ao pacto autobiográfico de leitura, preconizado por Philippe Lejeune, constituindo-se como narradora ao descrever os acontecimentos da vida de Aninha, protagonista e autora que imprime seu nome no frontispício da obra. Aqui, Cora Coralina faz a reconstrução das origens das suas histórias de vida, centrada na primeira pessoa, construída sobre as *meias confissões*, numa escrita que ajuda a desobstruir a autenticidade da autora e libera as amarras que, em geral, são ocultadas pelo papel social. Além disso, comungando com os pressupostos de Lejeune, o qual afirma que o autor de uma autobiografia, na elaboração do seu projeto de escrita, vai além de remontar o passado, relatando fatos vividos, a autora vai se desvelando e situa-se como é, na miragem do que foi, como se lê nas versos deste poema:

Este livro, meias confissões de Aninha,  
é um livro tumultuado, aberrante, da rotina de se fazer e ordenar um livro.  
Tumultuado como foi a vida daquela que o escreveu.  
Consequente. Vai à publicidade sem nenhuma pretensão.  
Alguma coisa, coisas que me entulhavam, me engasgavam e precisavam sair.  
É um livro de consequências.  
De consequências.

---

<sup>2</sup> CORA CORALINA, *Poemas dos becos de Goiás*, 1985, p. 39.

[...]

Este livro foi escrito no tarde da vida, procurei recriar e poetizar. Caminhos ásperos de uma caminhada.

Na da Cidade de Goiás, onde todos somos amigos do Rei. (CORA CORALINA , 1983, p. 17).

Nas narrativas autobiográficas, a infância é uma espécie de condutor chefe na montagem da esteira de lembranças e esquecimentos. Na sua escrita, Cora Coralina retoma a infância, uma infância marcada pela ausência de afeto, pela aspereza dos modos com que era tratada pelos adultos, como se fosse um ser à parte, diferente, uma pedra esquecida num canto. Esse desamor Cora carrega consigo e o retrata em alguns dos seus poemas/confesso, como: *Aquela gente antiga; Meu vintém perdido; Criança; Menina mal amada; Minha infância*, entre outros.

Nos seus escritos, Cora Coralina faz alusão à casa onde nasceu e viveu a sua infância, referindo-se aos “Meus fantasmas familiares do porão da Casa Velha da Ponte.”<sup>3</sup> A casa materna, tão presente nas autobiografias representa, segundo Ecléa Bosi(1994, p.14), “o centro geométrico do mundo, a cidade cresce a partir dela, em todas as direções”. Não obrigatoriamente é a primeira casa que se conhece, mas é o espaço que criança vivencia, é nela que vivem os momentos mais importantes da infância. Em *O Meu Próprio Romance*, Graça Aranha (1996, p. 47) escreve: “Dos quadros da minha infância nenhum exerceu no meu espírito magnetismo igual ao da casa, em que vivi, quatorze anos, no Largo do Palácio”. Além disso, o autor ainda acrescenta que a sua ligação com essa casa era tão forte que o seu ambiente incorporou-se ao seu espírito infantil ao ponto de afirmar que ela era uma pessoa viva na sua lembrança.<sup>4</sup>

São tantos os sentimentos, as lembranças que unem a criança à casa materna que, como afirma Bosi, representa parte de si mesmo. Cora Coralina sustenta essa afirmação quando escreve sobre a *Casa Velha da Ponte*. Sua ligação com essa casa é tanta que, ao retornar 45 anos depois à cidade de Goiás, ela não só compra a Casa Velha da Ponte e lá mora até o final da sua vida, como dá título a um dos seus livros: *Estórias da Casa Velha da Ponte*, e a um conto: *Maravilhas da Casa da Ponte*. Hoje a Casa Velha da Ponte abriga o Museu Casa de Cora Coralina.

A escrita autobiográfica é um exercício de memória em que o memorialista, envolvido no desejo de resgatar, de retomar indícios do passado, reescreve sua história dando pistas de seus sentimentos. Em *Vintém de cobre; meias confissões de Aninha*, Cora Coralina relata, retrata e enfatiza o desamor, a rejeição sofrida, vindo a declarar em um

<sup>3</sup> CORA CORALINA , *Vintém de Cobre; meias confissões de Aninha*, 1983, p. 64.

<sup>4</sup> GRAÇA ARANHA, *O Meu Próprio Romance*, 1996, p. 48.

de seus poemas que repudia a infância<sup>5</sup>. Órfã de pai um mês e vinte e cinco dias após o seu nascimento, segundo a autora, foi rejeitada pela mãe, que na sua viuvez se apega à filha mais nova, fruto do seu terceiro casamento, deixando a cargo da irmã mais velha o poder sobre Aninha. Cora não esconde a tristeza, o desconforto e escreve:

Me achei sozinha na vida. Desamada, indesejada desde sempre.  
Venci vagarosamente o desamor, a decepção de minha mãe.  
(...)  
Sempre sozinha, crescendo devagar, menina inzoneira, buliçosa, malina.  
Escola difícil. Dificuldade de aprender.  
(...)  
Minha mãe, muito viúva, isolava-se no seu mundo de frustrações, ligada  
maternalmente á caçula do seu terceiro casamento.  
(...)  
Eu era uma pobre menina mal amada.  
Frustrrei as esperanças da minha mãe, desde o meu nascimento.  
Ela esperava um filho homem , vendo meu pai doente irreversível.  
Em vez, nasceu aquela que se chamaria Aninha. (CORA CORALINA, 1983,  
p. 97-100).

Nos relatos poéticos de Cora Coralina, a palavra *pedras* é recorrente. Sobre a importância das pedras, Bosi argumenta que as lembranças que se ouve das pessoas idosas têm nas pedras do local onde viveram um suporte e estão presentes nos seus afetos de maneira muito forte que representam um elo entre o presente e o passado, como demonstra Cora, nesses versos:

Voltei. Ninguém me conhecia. Nem eu conhecia alguém.  
Quarenta e cinco anos decorridos.  
Procurava o passado no presente e lentamente fui identificando minha gente.  
Minha escola primária. A sombra da velha Mestra.  
A casa, tal como antes. Sua pedra escorando a porta. (CORA CORALINA, 1983,  
p. 127).

Nesse recorte, as pedras representam um retorno ao tempo e estimulam a memória, as recordações. Assim, as pedras em Cora Coralina ajudam no esboço afetivo da cidade de Goiás e as suas vivências nessa cidade.

Ao escrever, a autora, contista e narradora, recompõe o que, em parte, já sofreu o desgaste do tempo. Nesse ponto, a fidelidade e a criatividade se entrelaçam, e a memória, “elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje” (LE GOFF, 2003, p. 469), surge de diferentes maneiras, e vai se desvelando num processo de reconstituição para situar-se no que é, na ilusão do que foi. Cora Coralina assume assim um discurso que lhe é familiar, mesmo na estampa do campo da

---

<sup>5</sup> CORA CORALINA, *Vintém de Cobre; meias confissões de Aninha*, 1983, p. 101.

ficção, da poesia lírica, do discurso da confessionalidade. Em *Vintém de cobre; meias confissões de Aninha*, ela reúne um verdadeiro apanhado do que foi vivido no seu cotidiano de criança cercada de rejeições, sonhos e renúncias. E mostra os caminhos percorridos por outras gerações, marcando os sinais da história.

Assim, em seus escritos/poemas, Cora Coralina revisita um passado distante, porém lapidado pela sua memória carregada de registros, de modos de vida, retratando princípios importantes da sociedade brasileira da época, início do século XX, e suavizados pela leveza do seu modo de escrever, como podemos conferir nesses versos do poema *Moinho do tempo*:

A gente era moça do passado.  
Namorava de longe, vigiada.  
Aconselhada.  
Doutrinada dos mais velhos,  
em autoridade, experiência, alto saber.  
“Moça pra casar não precisa namorar,  
o que for seu virá”.  
Ai, meu Deus! E como custava chegar...  
Virá! Virá!... Virá! Virá!... quando?  
E o tempo passando e o moinho do tempo moendo,  
e a roda-da-vida rodando... Virá! - Virá!  
A gente ali, na estaca, amarrada, consumida  
de Maria Borracheira, sem madrinha-fada,  
sem sapatinho perdido,  
sem arauto de príncipe-rei, a procurar  
pelos reinos da cidade de Goiás  
o pezinho faceiro do sapatinho de cristal,  
caído na correria da volta. (CORA CORALINA, 1983, p. 26).

Na precisão com que a narradora vai expondo fatos a respeito da sua infância, marcada pela escassez dos alimentos, ausência de brincadeiras de criança e escola, o eu-lírico muito peculiar à obra da poeta, mostra uma escrita que trilha temporalmente o pretérito, narrando mais objetivamente, afastada do episódio, acentuando na construção textual, o olhar reflexivo característico do gênero autobiográfico. E no embalo das cantigas de roda relembra das brincadeiras de criança tão desejada por todas elas e tão distantes da menina Aninha:

As meninas do colégio no recreio brincavam do velho  
e jamais esquecido brinquedo de roda.  
E eu, ali parada, olhando.  
Esquecida no chão a cesta com sua roupa de volta para mãe lavar.  
Tinha nos olhos e na atitude tal expressão,  
tanto desejo de participar daquele brinquedo  
Que chamei a atenção da irmã Úrsula que era vigilante.  
Ela veio para o meu lado  
me empurrou carinhosamente para o meio da roda,  
antes que o grupo quintasse nova coleguinha.

O coro infantil entoou a cópia sempre repetida:  
“A menina está na roda  
Sozinha para cantar.  
Se a menina não souber,  
prisioneira vai ficar...”  
Com surpresa de todos levantei alto minha voz,  
que minha mãe gostava de ouvir nas minhas cantorias infantis,  
ajudando a ensaboar a roupa:

“Estou presa nesta roda  
Sozinha pra cantar.  
Sou filha de lavadeira,  
Não nasci para brincar.  
Minha mãe é lavadeira,  
lava roupa o dia inteiro.  
Busco roupa e levo roupa  
Para casa vou voltar”.

Era o fim do recreio.  
Irmã Úrsula sacudiu a campanha  
visivelmente emocionada. (CORA CORALINA, 1983, p. 117).

No decorrer do processo de formação cultural, a história oral, a poesia, a literatura e os escritos de si têm contribuído significativamente para a preservação da memória. Essa contribuição por vezes projeta lances sobre fatos históricos que despertam reflexões no presente para evolução do futuro, que soam com tom de denúncia/alerta, como no caso de algumas das condutas educacionais da época que, segundo Aninha, ela entendia ser a bolacha que lhe dava sua bisavó, *do resto não tinha nem noção*, referindo-se à palmatória. E assim Cora escreve:

Fui levada à escola mal completados cinco anos.  
[...]  
Um dia, certo dia, a mestra se impacientou.  
Gaguejava a lição, truncava tudo. Nada dava mesmo.  
A mestra se alterou de todo, perdeu a paciência  
e mandou enérgica: estende a mão.  
Ela se fez gigante no meu medo maior, sem tamanho.  
Mandou de novo: estende a mão  
Eu de medo encolhia o braço.  
Estende a mão!  
Mão de Aninha, tão pequenina!  
A meninada, pensando nalguns avulsos para eles,  
nem respirava intimidada.  
Tensa, expectante, repassada.  
Era sempre assim na hora dos bolos nas mãos alheias.  
[...]  
A palmatória cresceu no meu medo, seu rodela se fez maior,  
o cabo se fez cabo de machado,  
a mestra se fez gigante  
e o bolo estalou na pequena mão obediente.  
Meu berro! e a mijada incontinente, irreprimida.  
Só? Não. O coro do banco dos meninos, a vaia impetuosa.  
Mijou de medo... Mijou de medo... Mijou de medo...  
A mestra bateu a régua na mesa, enfiou a palmatória na gaveta,  
e, receosa de piores conseqüências, me mandou pra casa, toda mijada,

sofrida, humilhada, soluçando, a mão em fogo. (CORA CORALINA , *Vintém de Cobre; meias confissões de Aninha*, 1983, p. 99).

Na escrita autobiográfica de Cora Coralina, ela dá seriedade ao que escreve, experimentando o peso das palavras e se deixando levar pelo que ouvia, mobilizada pelo rigor como se quisesse que, nesse processo, as certezas que afirma fossem sugadas pelo próprio emaranhado no qual as palavras o enredam.

Quando se buscam as origens da escrita autobiográfica, elas apontam para o sujeito que se questiona e anseia pela identificação. As emoções opostas à solidão de Aninha aparecem de forma intensa nas situações relacionadas à identificação.

Eu me procuro no passado.  
Procuro a mulher sitiante, neta de sesmeiros.  
Procuro Aninha, a inzoneira que conversava com as formigas, o seu comadrio com o ninho das rolinhas.  
Onde está Aninha, a inzoneira, menina dos bancos mais atrasados da escola de Mestra Silvina...  
Onde ficam os bancos e as velhas cartilhas da minha escola primária?  
(CORA CORALINA , 1983, p. 92).

A escrita de Cora Coralina é acarinhada por particularidades de um passado/presente, memórias de longas datas que deixaram reminiscências desagradáveis, mas nem todas, muitas lembranças agradáveis também permeiam a memória da autora. E, em todo esse jogo que se trata da vida, a autodidata, a doutora “*Honoris Causa*” não se esquece daquele que foi o seu eterno companheiro e o enaltece escrevendo:

**Meu Melhor Livro de Leitura**

[...]

Minhas estórias de Carochinha, meu melhor livro de leitura, capa escura, parda, dura, desenhos preto e branco.  
Eu me identificava com as estórias.  
Fui Maria e Joãozinho perdidos na floresta.  
Fui a Bela Adormecida no Bosque.  
Fui Pele de Burro. Fui companheira de Pequeno Polegar e viajei com o Gato de Sete Botas. Morei com os anõezinhos.  
Fui a Gata Borracheira que perdeu o sapatinho de cristal na correria de volta, sempre à espera do príncipe encantado, desencantada de tantos sonhos nos reinos da minha cidade. (CORA CORALINA, 1983, p. 38).

Assim, entre prosas e poemas, Cora Coralina imprime as suas marcas, deixando que o leitor conheça as suas origens, suas raízes imersas na cidade de Goiás, suas vidas e segue caminhando sobre as suas raízes tribais. Todas as vidas: a mulher, roceira, militante, doceira, estudante, faladeira, jornalista, mãe, escritora. Todas na pele de uma única que, na busca pelo seu vintém perdido, depõe a respeito da perenidade da sua

escrita, declarando: “Quando eu morrer, não morrerei de tudo. Estarei nas páginas desse livro, criação mais viva da minha vida inteira em parto solitário.” (CORA CORALINA, 1983, p. 45).

## REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças dos velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CORA CORALINA. *Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha*. Goiânia: UFMG, 1983.

CORA CORALINA. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. São Paulo: Editora Global, 1985.

DENÓFRIO, Darcy França; CAMARGO, Goiandira Ortiz de Camargo. (Orgs). *CORA CORALINA : celebração da volta*. Goiânia: Câne Editorial, 2006.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*; tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, SP: UNICAMP, 2003.

LEJEUNE, Lejeune. *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1985.

REMÉDIOS, Maria Luiza Ritzel. O empreendimento autobiográfico. In: *AS PEDRAS E O ARCO, fontes primárias, teoria e história da literatura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

Recebido: 01/10/2010

Aceito: 29/03/2011

Contato: ivemelo@hotmail.com